

# Os geógrafos portugueses e a Arqueologia

Suzanne Daveau\*

## Resumo

Os fundadores da Geografia moderna em Portugal, Amorim Girão em Coimbra, a partir dos anos 20, e Orlando Ribeiro em Lisboa, nos anos 40, manifestaram sempre interesse pela Arqueologia, mas colaboraram com os arqueólogos segundo modalidades diferentes. Estadias mais ou menos prolongadas na África marcaram fortemente, a seguir, o percurso de uma parte significativa dos geógrafos e arqueólogos que iam colaborar nos tempos mais recentes. Na fase actual de forte expansão numérica dos cultores das duas disciplinas, observa-se que a colaboração de campo dos arqueólogos faz-se sobretudo com os geógrafos "naturalistas", mas que aqueles procuram sobretudo a inspiração teórica nos modelos espaciais que foram desenvolvidos por determinadas tendências da Geografia humana.

## Résumé

*Les géographes portugais et l'Archéologie. Les deux fondateurs de la Géographie moderne au Portugal, Amorim Girão à Coimbra, à partir des années 20, et Orlando Ribeiro à Lisbonne, au cours des années 40, s'intéressèrent à l'Archéologie selon des modalités différentes, en fonction de la formation de base qu'ils avaient acquise. Pendant la seconde Guerre mondiale, le Portugal connut une brillante période de recherches interdisciplinaires sur le Quaternaire. A partir de 1950 et jusqu'après le 25 avril, la collaboration se fit moins étroite mais diverses circonstances firent que les pays tropicaux et, en particulier l'Afrique, élargirent le champ d'action et de réflexion des géographes et des archéologues qui seront plus tard amenés à collaborer au Portugal. La période récente est marquée par un fort accroissement numérique des chercheurs et par des tentatives de création de groupes de recherche, tant au plan des divers centres universitaires qu'au plan national et interdisciplinaire. Ce sont surtout les géographes "naturalistes" qui collaborent dans la pratique sur le terrain avec les archéologues, alors que ceux-ci trouvent chez certains géographes "humains" des modèles susceptibles de les aider à interpréter spatialement les données fournies par leurs fouilles.*

\* Centro de Estudos Geográficos. Lisboa.



Inegavelmente profundas são as relações que ligam a Geografia à Arqueologia, já que as duas ciências procuram entender o modo de inserção dos homens no ambiente que habitam e que vão incessantemente transformando. O geógrafo não destrói a paisagem que estuda, seja ela viva, transcrita por mapas ou reconstituída a partir de documentos históricos, por não interferir nela. O arqueólogo, tenta descobrir o que terá sido determinada paisagem do passado, a partir dos vestígios materiais que dela sobreviveram. Para isso é obrigado, quase sempre, a destruir em parte o objecto do seu estudo, arquivando, a seguir, em museus e publicações o que salvou e entendeu do espólio.

Não admira, portanto, que um jovem licenciado em Geografia tenha recentemente dedicado uma dissertação de mestrado em Arqueologia à comparação epistemológica das duas ciências (Pimentel, 1996). Mas não é neste plano teórico e geral que irei colocar as singelas notas que se seguem; tentarei apenas mostrar, através de alguns exemplos escolhidos, quais foram e quais são hoje, em Portugal, os pontos de encontro profissional entre os cultores das duas ciências.

Para limitar mais ainda o campo deste depoimento, não tentarei colocar-me no lugar dos arqueólogos, ao procurar definir as preferências temáticas e metodológicas que manifestam quando se servem da Geografia como duma ciência auxiliar, pedindo-lhe quer conceitos operacionais quer técnicas de estudo. A importância das relações inter-ciências é hoje vivamente sentida pelos arqueólogos portugueses. O recente número da revista *Al-madan* (1996), sobre "A Arqueologia e as outras ciências", testemunha por exemplo esta atitude. Mas apenas na parte final voltarei a aflorar este importante aspecto.

Queria sobretudo historiar, ainda que sumariamente, as relações que se teceram de facto, em Portugal, entre os geógrafos e a Arqueologia. Parece-me que qualquer reflexão aprofundada ganhará em apoiar-se na modesta realidade, por ser impossível aplicar ao caso português qualquer interpretação generalizante. Com efeito, até há muito pouco tempo, os cultores das duas ciências contavam-se facilmente pelos dedos das mãos. Por isso, os casos individuais permanecem relevantes. O vigor do temperamento científico dos iniciadores da Geografia, bem como as circunstâncias históricas contrastadas em que eles e os seus continuadores tiveram de moldar a sua actuação, marcaram decisivamente a

evolução das relações entre as duas disciplinas. Uma singela História factual é portanto indispensável para entender os começos da colaboração prestada pelos geógrafos portugueses à Arqueologia; qualquer tentativa de descrição estatística do comportamento das duas “populações” científicas apenas se tornará eficaz de futuro, em função da actual multiplicação dos investigadores.

Parece, pelo contrário, possível introduzir desde já uma certa “periodização”, ainda que grosseira, na crónica das relações entre os geógrafos portugueses e a Arqueologia. Três fases individualizam-se, sobretudo baseadas na evolução do número dos investigadores: durante a primeira fase actuaram praticamente apenas, do lado da Geografia, os dois fundadores, Amorim Girão e Orlando Ribeiro; uma outra fase, de transição e de preparação da expansão recente, situa-se dos anos 50 até à segunda parte dos anos 70; finalmente os dois decénios mais recentes são sobretudo caracterizados pela multiplicação do número dos geógrafos e dos arqueólogos.

## 1. Os começos

Não tomando em conta diversos antecessores, e simplificando muito, pode admitir-se que a Arqueologia nasceu em Portugal em 1863 com a descoberta dos concheiros do vale do Tejo pelo geólogo Carlos Ribeiro (1813-1882), que colocou a seguir a hipótese de ter existido em Ota um homem “terciário”. A exploração da gruta da Furninha, em Peniche, foi realizada por outro geólogo, Nery Delgado. Esta primeira fase de afirmação da Arqueologia portuguesa, provida de uma sólida base geológica, culminou na reunião em Lisboa do *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique* (1880). Mas, logo a seguir, o orientador principal da Arqueologia passou a ser Leite de Vasconcellos (1858-1941), mais virado para as manifestações da “psique” humana. Publicou numerosos estudos sobre o povo português, associando sempre estreitamente Etnologia e Arqueologia (Anónimo, 1960). Foi ele que conseguiu criar, em 1893, o Museu de Belém, então denominado Museu Etnológico Português.

Será bem mais tarde que a Geografia portuguesa irá constituir-se. Deixando também aqui de lado os predecessores, verifica-se que, no plano universitário, a Geografia se organizou primeiro em Coimbra, onde Amorim Girão se doutorou em 1922, mas apenas dois decénios mais tarde em Lisboa, quando Orlando Ribeiro foi contratado, em 1943, pela Faculdade de Letras. Existe um largo hiato, mesmo em Coimbra, entre os períodos constitutivos da Arqueologia e da Geografia, mas nota-se que os dois fundadores da Geografia portuguesa praticaram logo, e com entusiasmo, a Arqueologia. A este facto não é estranha, de certo, a formação de base recebida por ambos, quando o ensino universitário da História e da Geografia se mantinha estreitamente ligado e quando os meios universitários eram de dimensão muito reduzida, quer em participantes, quer no espaço, de modo a permitir que estudantes curiosos pudessem assistir a aulas e participar em actividades de especialidades diferentes da sua.

Conheço insuficientemente o ambiente intelectual que reinava em Coimbra quando Amorim Girão ali se licenciou, em 1917, tendo recebido principalmente o ensino do geólogo Ferraz de Carvalho. Mas toda a sua obra subsequente mostra um constante e apaixonado interesse pela Arqueologia (Oliveira, 1963). Antes

mesmo de ter defendido a sua tese de doutoramento, dedicou uma primeira obra de investigação às *Antiguidades pré-históricas de Lafões* (1921). Trata-se de uma apresentação, notável para a época e que se lê ainda com proveito, do ambiente geográfico que rodeia os 105 monumentos pré-históricos que repertoriou na região da sua naturalidade. Boa parte foram descobertos por ele, alguns também explorados e a maioria sumariamente descritos. Mas a memória vale sobretudo pela cuidadosa visão geográfica de “o que é e o que foi a região de Lafões”. Apenas muito recentemente vemos os arqueólogos voltarem a dar a devida importância à definição do quadro geográfico natural e funcional em que se inserem as marcas do homem que vão estudando. Veja-se, por exemplo, a análise de *O Solutrense da Estremadura Portuguesa* por J. Zilhão (1987), que foi um estudo pioneiro neste sentido. Não duvido que valeria a pena, ainda hoje, reler a obra de Amorim Girão, ainda que os conhecimentos relativos à evolução do ambiente ao longo do Quaternário tenham entretanto progredido imenso. O geógrafo de Coimbra interessou-se toda a vida pelas descobertas arqueológicas que ia registando e, ainda em 1959, sugeriu, no volume de homenagem a Mendes Corrêa, a existência de uma unidade regional com povoamento pré-histórico original: as serras calcárias ao sul do Mondego.

Ainda que muito mais novo, Orlando Ribeiro conheceu também, em Lisboa, um ambiente propício ao desabrochar das curiosidades adolescentes. Tirando um curso de História e Geografia que o decepcionou em certa medida, acompanhou o ensino de professores que colegas de outras especialidades lhe apontavam como de maior interesse (em Medicina, em Geologia, em Botânica) e participou activamente nos respectivos trabalhos práticos de gabinete e de campo (Ribeiro, 1970). Desde cedo, e por sugestão de Manuel Heleno, passou a frequentar a casa de Leite de Vasconcellos, que a idade tinha recentemente descarregado da função de professor. Ele foi um dos jovens que ajudaram o velho mestre a colocar em ordem os materiais dos primeiros volumes da *Etnografia Portuguesa*. Encarregou-se, em particular, de elaborar o excelente índice analítico do segundo volume (1936).

Tendo defendido uma tese de Geografia regional sobre a Arrábida (1935), teve a felicidade de obter, em 1937, um lugar de leitor de português em Paris, na Sorbonne. Enriqueceu ali a sua formação, mantendo a mesma visão larga da bagagem intelectual indispensável ao geógrafo de Portugal que entendia ser. Conheceu em Paris jovens investigadores (Carlos Teixeira, Pierre Birot), que iriam fazer parte, durante os anos seguintes, de um grupo dilecto de companheiros de trabalho.

O deflagrar da segunda Guerra Mundial obrigou com efeito os portugueses de Paris a voltar precipitadamente para a terra na Primavera de 1940 – como será também o caso, em 1942, do Eng.<sup>o</sup> Mariano Feio, que estagiava na Alemanha para aí preparar um doutoramento em Paleontologia (Brito, 1986). A guerra incitou também estudiosos estrangeiros a refugiarem-se em Portugal e a procurar aqui temas de investigação. Foi o caso de Zbyszewski, um francês de origem polaco-russa, e de Pierre Birot, repatriado sanitário de um campo de prisioneiros na Alemanha. Será ainda o caso, em 1941, do Padre Breuil (1877-1961), pré-historiador já então muito conhecido. Estes homens jovens (com a excepção de Breuil), profissionalmente bem preparados e cientes da sorte que lhes permitia escapar aos desastres que atingiam a maioria dos homens da mesma geração, dedicaram-se com entusiasmo e alegria à “descoberta” científica de Portugal.

Muito mais tarde, irão testemunhar o ambiente excepcional no qual decorriam as temporadas de trabalho de campo, “andando e cantando”, como contou Zbyszewski em 1979 (Zbyszewski, 1984). Ouçamos o que escreveu na mesma ocasião Carlos Teixeira (1979), evocando as “críticas severas” que a sua interpretação como terraço dos depósitos de Meda, no Baixo Douro, lhe tinha valido quarenta anos mais cedo, da parte de Orlando Ribeiro e Mariano Feio que os consideravam como rañas: “Do episódio referido não ficou em nenhum de nós qualquer ressentimento, porquanto prosseguimos as nossas investigações por todo o país em camaradagem, a mais franca e leal que se possa imaginar. Sem dúvida que muitas vezes tivemos discussões acaloradas e altissonantes mas, sempre incapazes de atingir à amizade que ainda hoje nos liga”.

Neste ambiente humano de qualidade excepcional, trabalhava-se duro e várias obras básicas sobre Portugal foram escritas ou encetadas naquela altura. No que diz mais estreitamente respeito às relações do geógrafo Orlando Ribeiro com a Arqueologia, verifica-se que ele recebeu duas influências principais e complementares. Por um lado, o longo e estreito convívio com Leite de Vasconcellos, que irá prolongar-se muito para além da morte deste (1941), já que Orlando Ribeiro foi o testamenteiro que, com outro discípulo, Manuel Viegas Guerreiro (1913-1997), assegurou, até 1988, a publicação de sete dos dez volumes da Etnografia Portuguesa. Por outro lado, foi a fraterna colaboração com os geólogos e pré-historiadores que levou Orlando Ribeiro e, mais tarde, Mariano Feio, a colaborar na feitura de várias Cartas Geológicas e respectivas notícias. Ao contrário de Amorim Girão, estes dois geógrafos nunca participaram fisicamente em escavações arqueológicas mas o seu interesse e o seu saber em Geologia e Etnologia permitiram-lhes acompanhar tudo o que se fazia no campo da Arqueologia em Portugal, tornando-se inspiradores tanto dos que revolviam os terraços à procura de peças do Paleolítico antigo e médio, como dos que tentavam reconstituir os ambientes de vida dos povos neolíticos e proto-históricos.

## 2. Dispersão e passagens pela África

No começo dos anos 50, assistiu-se a uma certa dispersão na temática da investigação dos geógrafos, prelúdio dos desenvolvimentos posteriores. Enquanto alguns arqueólogos, apoiados nos Serviços Geológicos que dirigia Carlos Teixeira, iam continuando os seus estudos em Portugal na esteira dos ensinamentos recebidos do Padre Henri Breuil, e numa altura em que os actuais chefes de departamentos universitários de Arqueologia não passavam ainda de jovens estudantes, os geógrafos seguiam destinos vários. Amorim Girão adoeceu e acabou por morrer em 1960. A partir de 1948, Orlando Ribeiro dedicou-se à preparação do *Congresso Internacional de Geografia*, que decorreu em Lisboa em 1949-50; eleito Vice-Presidente da *União Geográfica Internacional*, viajou através do Mundo, participando, desde 1947, em missões de estudos ultramarinos e dedicando-se cada vez mais à compreensão das regiões intertropicais marcadas pela expansão portuguesa (Amaral, 1984). Mariano Feio defendeu, em 1952, uma tese de doutoramento sobre a Geomorfologia do Sul de Portugal mas, depois de ensinar dois anos no Brasil, decidiu consagrar o essencial dos esforços à experimentação prática numa lavoura racional das terras alentejanas.

Novas gerações de estudiosos iam-se, entretanto, formando em Portugal; muito mais numerosos, procuraram portanto adquirir uma especialização maior. Aos mais aventureiros abriu-se de repente uma inesperada oportunidade. Tendo o governo português decidido, ainda que demasiado tarde, introduzir o ensino universitário em Angola e Moçambique, recrutou, em 1970, um número relativamente elevado de professores e assistentes nas diversas disciplinas universitárias. Jovens licenciados em Geografia ou em História aproveitaram logo a possibilidade de uma carreira mais livre e rápida, e do contacto com um campo de investigação novo e apaixonante. Vários geógrafos doutoraram-se então com dissertações sobre temas africanos, enquanto a maior parte dos arqueólogos não trouxe da África o tema da sua dissertação de doutoramento, mas apenas experiências enriquecedoras.

Para entender esta curiosa diferença, tem de não esquecer-se que a Arqueologia universitária, considerada como um ramo da História, era então ainda fracamente desenvolvida em Portugal e muito menos na África tropical, sobretudo na vertente atlântica do continente. Pelo contrário, na sua parte oriental e meridional, existia já uma longa tradição de investigação arqueológica. Basta lembrar que a primeira expedição na África oriental de L. S. B. Leakey data de 1926 e que *The Stone Age Cultures of Kenya Colony* foi publicado em 1931.

No *Instituto de Investigação Científica de Moçambique*, criou-se, em 1970, um *Centro de Ciências da Terra*, dirigido pelo geólogo quaternarista Gaspar Soares de Carvalho e onde os jovens universitários encontraram um ambiente favorável de trabalho. Foi-lhes possível obter subsídios para estudar as áreas das bacias dos rios Umbelúzi e dos Elefantes, que iriam ser inundadas pelas barragens projectadas. Soares de Carvalho, A. Freitas Tavares e Maria Eugénia Moreira, esta uma jovem geógrafa formada em Coimbra e assistente da *Universidade de Lourenço Marques* (Maputo), estudaram a evolução geomorfológica e o significado paleoclimático dos terraços, enquanto alunos de História da Universidade realizavam o estudo do material paleolítico contido nas cascalheiras. Carlos de Senna-Martinez voltou para Portugal, mas Ricardo Teixeira Duarte e João Morais prolongaram a sua estadia na África oriental, dedicando-se ao estudo de temas da arqueologia moçambicana. O último defendeu em Oxford uma tese sobre *Early Farming Communities of Southern Mozambique*.

Mesmo na África Ocidental Francesa (AOF), onde o *Institut Français d'Afrique Noire*, fundado em Dakar por Théodore Monod, começou a publicar regularmente, a partir de 1939, *Bulletins* e *Mémoires*, Raymond Mauny podia ainda escrever com toda a razão, em 1961, na introdução do seu *Tableau Géographique de l'Afrique de l'Ouest au Moyen Âge*, "les recherches archéologiques commencent à peine". Com efeito, foi em 1960 que o jovem professor de História medieval da Universidade de Dakar, Jean Devisse, organizou a primeira expedição arqueológica até ao sítio presumido de Audagost, na Mauritânia oriental. Esta expedição foi o verdadeiro acto fundador de uma nova maneira de conceber e praticar a História (e Pré-história) da África tropical. *Tegdaoust I* (Robert e Devisse, 1970) foi o primeiro dos volumes destinados a difundir os resultados das investigações em curso na Mauritânia.

Perguntar-se-á porque estou a apresentar com tanto pormenor o que estava a ocorrer nos meios universitários da África dita francófona? É que os acasos da vida fizeram com que uma geógrafa, que ensinava desde 1957 na *Universidade*

de Dakar, encontrasse em 1960, na Suécia, o colega Orlando Ribeiro e acabasse por casar com ele em 1965. A tradição patrilocal das nossas sociedades fez com que tenha sido ela (eu) que transitou da África para Portugal, trazendo uma múltipla experiência africana. Múltipla, porque o ambiente de investigação em Dakar, jovem Universidade em pleno desenvolvimento, na euforia resultante duma descolonização pacífica e duma fase de chuvas abundantes, se revelou tão propício aos contactos interdisciplinares como Portugal o tinha sido durante a segunda Guerra Mundial.

Participei activamente nas primeiras expedições arqueológicas a Tegdaoust, trazendo aos historiadores a minha já boa experiência do ambiente natural dos países da margem sul sahariana e colaborei também com o pré-historiador P. Biberson no estudo do Paleolítico da Mauritània (Hugo, 1972). Tinha tecido, ao mesmo tempo, estreitos laços de trabalho com os geólogos e geomorfólogos da Universidade e do *Bureau de Recherches Géologiques et Minières* e com outros naturalistas do *Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outremer* e do *IFAN*. Nasceu assim a *ASEQUA*, associação que reunia os quaternaristas da África ocidental, e cheguei mesmo a dirigir, de 1964 a 1967, um grupo de investigação multidisciplinar dependente do *CNRS*, a *RCP 72*, consagrada ao estudo do Quaternário do Sudoeste sahariano.

A minha inserção no meio universitário português foi progressiva. Os primeiros contactos com o *Centro de Estudos Geográficos* datam de 1961, institucionalizaram-se em 1966 e comecei a ensinar na *Faculdade de Letras* em 1970, como Professora catedrática convidada. Como tinha sido o caso em África, e pelas mesmas razões de insuficiente conhecimento da língua local, os meus primeiros temas de investigação incidiram sobre os aspectos naturais da paisagem portuguesa. Um artigo de síntese provisória, publicado em 1973 na *Finisterra*, sobre a evolução quaternária das vertentes em Portugal, marca o amadurecimento de uma orientação que prolongava directamente a minha anterior experiência africana.

Se a minha instalação em Portugal foi devida a razões puramente pessoais, foram, pelo contrário, acontecimentos político-militares de alcance nacional e internacional que interromperam de repente a implantação africana duma geração de jovens universitários portugueses. Quase todos tiveram de regressar mais ou menos apressadamente a Portugal e, no ambiente agitado e fervoroso que se seguiu ao 25 de Abril, tentaram ajudar a renovar a velha Universidade portuguesa, que se debatia já com um problema completamente novo para ela: o afluxo enorme de alunos, que ia modificar profundamente as condições do ensino superior.

### 3. Tendências recentes

Foi com Victor Gonçalves que teci em Portugal as primeiras relações concretas de colaboração entre Geografia e Arqueologia, ao falar, a pedido dele, da evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos, no quadro de um encontro informal de jovens arqueólogos. Publicado na *Clio* em 1980, este pequeno texto de divulgação ia adquirir uma ressonância imprevista, que demonstrou, pelo interesse que suscitou, quanto fazia falta à

nova geração dos arqueólogos, formada no quadro da secção de História da *Faculdade de Letras*, os indispensáveis conhecimentos sobre o quadro natural move-diço dos sítios que entusiasticamente escavavam. Victor Gonçalves organizava regularmente no Verão campanhas de escavações, nas quais participaram vários alunos de Geografia, continuando estes a ter no seu currículo a cadeira de Pré-história. Entre eles encontrava-se Ana Ramos Pereira, hoje Professora de Geografia da *Faculdade de Letras*, que manteve sempre, a seguir, estreitos laços de trabalho com os vários arqueólogos que estudam temas afins dos que ela própria investiga no litoral português (Pereira, 1983, 1994).

Outro importante e activo centro de investigação arqueológica estava paralelamente a nascer no Porto, por iniciativa de Vítor Jorge, ele também recém-chegado de uma estadia universitária em Angola, e que criou, a partir de 1980, uma dinâmica revista semestral, a *Arqueologia*. Em 1988 falei, a seu pedido, num encontro de arqueólogos do Porto, das modificações que sofreram, ao longo do Quaternário, tanto os fundos de vales, como as montanhas e a faixa litoral do Noroeste, os três principais tipos de ambiente onde decorriam investigações arqueológicas. Uma simpática e jovem arqueóloga veio confessar-me a seguir que não tinha entendido nada do que tinha ouvido. Faltavam-lhe evidentemente as bases indispensáveis para tirar proveito de uma conversa forçosamente rápida e alusiva. Oxalá a minha tentativa tenha sido pelo menos suficiente para lhe fazer sentir que a Arqueologia, mesmo quando dirigida para o estudo dos vestígios das sociedades relativamente recentes, tem de ter os pés na terra, não apenas concretamente na vala de escavação, mas também cientificamente, para se não esquecer das sempre fortes relações de interdependência que o homem tece com o ambiente onde se move e onde actua. Aliás as gerações mais recentes de alunos da *Variante de Arqueologia* hoje existente na *Faculdade de Letras* de Lisboa parecem ter consciência disso e vêm frequentar, como opção, a cadeira de *Elementos de Geologia* das licenciaturas em Geografia.

Em 1983 criou-se o *Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário*, dependente da *Sociedade Geológica de Portugal*. Este Grupo aproximou utilmente os já numerosos e diversificados estudiosos portugueses interessados pela evolução recente do ambiente terrestre. Sob o impulso do geólogo Miguel Ramos, organizou-se, em 1985, a importante *Primeira Reunião do Quaternário Ibérico*, mas o Grupo nunca conseguiu, infelizmente, atrair a maior parte dos arqueólogos, provavelmente intimidados, como a minha simpática ouvinte do Porto, pelo teor principalmente naturalista das preocupações do Grupo. Em 1991 arrancava novo agrupamento, a *Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário*, mais equilibradamente dirigida por um geólogo, um geógrafo e um arqueólogo. A Associação conta actualmente 93 sócios, 43 dos quais são geógrafos, 26 arqueólogos ou pré-historiadores, 18 geólogos e 6 têm outra especialidade científica.

A Associação promoveu, em 1993, a publicação de uma obra de síntese provisória, intitulada *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*, coordenada por G. Soares de Carvalho, A. de Brum Ferreira e J. C. de Senna-Martinez. Ela reúne um denso manancial de informações actualizadas sobre os “Ambientes do Quaternário” (p. 5-130) e “O homem” (p. 133-198). Mais do que o desequilíbrio em páginas, inquieta um pouco o facto de os geógrafos terem participado apenas na primeira parte, ambiental, do livro (em colaboração com geólogos e palinólogos), numa altura em que os modernos arqueólogos pedem

sobretudo à Geografia o que os ramos puramente antropológicos desta disciplina têm de mais teórico e desenraizado do ambiente (Pimentel, 1996). Manifesta-se assim uma situação algo paradoxal e talvez perigosa.

Percebe-se facilmente que os arqueólogos, frente à forte desintegração – pode dizer-se quase pulverização – da informação que extraem das valas que escavam, sintam a necessidade de ordená-la e explorá-la a partir de um modelo teórico de tipo espacial. Ora, foram os menos naturalistas dos geógrafos – ou, às vezes, os economistas – que elaboraram os mais espectaculares e difundidos modelos de interpretação do espaço e da sua divisão territorial. Não será um facto paradoxal que a colaboração de campo se processa sobretudo, concretamente, entre geógrafos naturalistas e arqueólogos, enquanto estes vão pedir a sua inspiração teórica, de gabinete, aos geógrafos mais virados para as formas modernas da organização do espaço? Estas são, pelo menos aparentemente, as mais desligadas do ambiente próximo, e são as que se diferenciam mais profundamente das que as antigas gerações de homens conheceram.

A “culpa” desta contradição não é principalmente dos arqueólogos. Resulta em boa parte do facto da Geografia acabar de atravessar uma fase conturbada de evolução, que chegou a fazer recear que ela perdesse unidade e especificidade. Existem, felizmente, sinais inequívocos de reaproximação entre os pontos de vista económico-humanista e ambiental. Para se tornarem mais úteis aos irmãos historiadores e pré-historiadores, os geógrafos têm, antes de tudo, de readquirir uma visão serena do seu campo de estudo privilegiado: a Terra e o Homem ou, dizendo sensivelmente o mesmo mas de outros modos: o Homem na Terra, os Territórios e as Regiões ou, ainda, a Organização do Espaço; ou seja, sempre, as relações que as sociedades tecem com o ambiente. A Geografia não é, nem uma pura ciência “social”, nem uma pura ciência “natural”. Ela participa, ao mesmo tempo, das duas entidades e a sua utilidade resulta de uma posição apaixonante e incerta na própria e frágil interface onde se desenrola a actuação do homem

Outra característica interessante das relações científicas actuais entre os geógrafos e a Arqueologia em Portugal, é a sua feição quase sempre informal. É raro que se elabore e publique um projecto pluridisciplinar (Gonçalves e Daveau, 1983-84; Daveau e Gonçalves, 1985). A colaboração resulta sobretudo das conversas amistosas e apaixonadas tidas no campo, nos corredores da Faculdade, no gabinete ou no laboratório; da discussão perplexa dos inesperados resultados fornecidos pelas análises e datações realizadas ou da leitura crítica dos respectivos manuscritos.

Preparam-se juntamente os livros-guias de excursão (exemplo: Salomon, Cunha e Mateus, 1995) e organizam-se cursos e encontros sobre temas de interesse mútuo. Em Janeiro de 1997, Lucília Caetano proferiu um curso sobre “Arqueologia Industrial e Geografia”, no quadro do *I Curso sobre Património Industrial*, que decorreu na *Universidade Portucalense Infante D. Henrique*. Esta geógrafa publicou também artigos de Arqueologia Industrial referentes à cerâmica do barro vermelho (Caetano, 1987) e à indústria do vidro.

Cita-se um exemplo recente bastante elucidativo tanto da falta de correlação institucional como da eficácia frequente do confronto dos resultados obtidos por arqueólogos e geógrafos. Dois geógrafos de Coimbra, tendo realizado um estudo geomorfológico da bacia inferior do Rio Côa, que lhes encomendou uma empresa ligada à EDP, desenharam um esboço geomorfológico, na escala de

1: 25 000, baseado em levantamentos de campo. Verificaram que depósitos de vertente de fácies “periglaciária”, ou seja, datando de uma oscilação climática bastante fria, cobriam localmente, na Canada do Inferno, uma laje com gravuras. Sem terem tido nenhuma relação científica anterior com os arqueólogos que levantaram as gravuras, sem se encontrarem minimamente implicados nas acesas controvérsias relativas à idade da arte rupestre do Côa, o levantamento que fizeram veio portanto demonstrar que, pelo menos, uma parte das gravuras é anterior à última oscilação fria que afectou Portugal, há cerca de 10 000 anos (Cordeiro e Rebelo, 1996). Parece ser, até agora, a única datação material existente, relativa às tão discutidas gravuras.

Raramente se considera necessária a formalização destas trocas e ajudas mútuas, de modo que a colaboração que os geógrafos prestam à Arqueologia, e os benefícios que tiram do convívio com ela, aparecem muito pouco nas estatísticas que os gestores da ciência gostam tanto de elaborar, sem que este facto tire qualquer eficácia a esta colaboração informal. Mas não é raro que ela leve à presença de geógrafos nos júris encarregados de apreciar as dissertações de Arqueologia quer de Mestrado quer de Doutoramento.

Actualmente, muitos jovens geógrafos e arqueólogos encontram emprego nos serviços técnicos que prestam ajuda à gestão dos Municípios. Abriu-se assim um campo novo de colaboração, de grande interesse por implicar um contacto directo com os problemas concretos do ordenamento espacial e da preservação patrimonial. A prática aplicada das duas disciplinas encontra-se portanto em pleno desenvolvimento. Seria muito desejável e proveitoso que os complexos problemas, que esta nova situação levanta, fossem ponderados e discutidos pelos que nela participam directamente.

#### Bibliografia

- (1960) – José Leite de Vasconcellos. *Livro do Centenário, 1858-1958*. Lisboa: Universidade.
- (1991) – *Bibliografia do Professor Doutor Aristides de Amorim Girão*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.
- AMARAL, A. e AMARAL, I. do (1984) – *Bibliografia científica de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- BRITO, R. S. de (ed. lit.) (1986) – *Estudos em homenagem a Mariano Feio*. Lisboa: s.n.
- CAETANO, L. (1987) – Mirando do Corvo. Museu vivo da cerâmica de barro vermelho. *Revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra, 13, p. 46-56.
- CARVALHO, G. S.; FERREIRA, A. B.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (coord.) (1993) – *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Colibri.
- CORDEIRO, A. M. R.; REBELO, F. (1996) – Carta geomorfológica do Vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadernos de Geografia*. Coimbra, 15, p. 11-33.
- DAVEAU, S. (1973) – Quelques exemples d'évolution quaternaire des versants au Portugal. *Finisterra*. Lisboa, 15, p. 5-47.
- DAVEAU, S. (1980) – Espaço e Tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*. Lisboa, 2, p. 13-37.
- DAVEAU, S. (1988) – Aspectos do ambiente quaternário no Noroeste de Portugal.

- Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 28, p. 193-200.
- DAVEAU, S. (1996) – Bibliografia científica de Orlando Ribeiro (2.ª parte, 1981-1995). *Finisterra*. Lisboa. 61, p. 87-97.
- DAVEAU, S. e GONÇALVES, V. (1985) – A evolução holocénica do Vale do Sorraia e as particularidades da sua antropização (Neolítico e Calcolítico). In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário. 2, p. 187-197.
- DELGADO, J. F. N. (1880) – La grotte de Furninha à Peniche. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la Neuvième Session*. Lisbonne. p. 207-278.
- GIRÃO, A. de A. (1921) – Antiguidades pré-históricas de Lafões. In *Memórias e Notícias*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2, p. III-VI, 1-68.
- GIRÃO, A. de A. (1959) – Peuplement préhistorique des monts calcaires du Sud du Mondego. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 17, 1-4, p. 205-208.
- GONÇALVES, V.; DAVEAU, S. (1983-84) – Programa para o estudo da antropização do Baixo Tejo e Afluentes, Projecto para o estudo da antropização do Vale do Sorraia (ANSOR). *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 203-206.
- HUGOT, H. J. (ed. lit.) (1972) – *Congrès Panafricain de Préhistoire, Dakar, 1967*. Actes de la 6<sup>e</sup> Session. Chambéry: Les Imprimeries Réunies. p. 55-60; 462-465.
- LEAKEY, L. S. B. (1931) – *The Stone Age Cultures of Kenya Colony*. Cambridge.
- MAUNY, R. (1961) – Tableau géographique de l'Afrique de l'Ouest, d'après les sources écrites, la Tradition et l'Archéologie. *Mémoires de l'Institut Français d'Afrique Noire*. Dakar, 61.
- OLIVEIRA, J. M. P. (1963) – O Professor Amorim Girão e a Arqueologia. *Lucerna*. Porto. 3, p. 318-323. Reproduzido em *Trabalhos de Geografia e História*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade. 1972, p. 411-419.
- PEREIRA, A. R. (1983) – Enquadramento geomorfológico de um sítio datado por C14 na praia de Magoito (concelho de Sintra). In *Actas da IV Reunion do Grupo Español de Trabajo del Quaternario*, Galiza. p. 551-553.
- PEREIRA, A. R. (1994) – A evolução geomorfológica da costa Sudoeste. In *Contribuições para a Geomorfologia e Dinâmicas Litorais em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. (L. A. G. F.; 35).
- PIMENTEL, J. R. (1996) – *Geografia e Arqueologia, uma epistemologia comparada*. Lisboa: Figueirinhas.
- RAMOS, M. (org.) (1985) – *Actas. I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário. 2 vols.
- RIBEIRO, C. (1880) – L'Homme tertiaire en Portugal. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la Neuvième Session*. Lisbonne. p. 81-118.
- RIBEIRO, O. (1970) – *Trinta e cinco anos de estudos geográficos*. Lisboa: Sá da Costa. p. 1-62. (Ensaio de Geografia Humana e Regional).
- ROBERT, D.; ROBERT, S.; DEVISSE, J. (1970) – *Tegdaoust I. Recherches sur Aoudaghost*. Paris: Arts et Métiers Graphiques.
- SALOMON, J. N.; CUNHA, L.; MATEUS, M. (org.) (1995) – *Livret-guide de l'excursion Massif de Sicó, Massif Calcaire de l'Estremadura*. Coimbra: Table-Ronde Franco-Portugaise.
- TEIXEIRA, C. (1979) – Plio-Plistocénico de Portugal. In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. p. 35-46.
- O Arqueólogo Português, Série IV, 11/12, 1993-1994, p. 339-351.*

VASCONCELLOS, J. L. (1933-1988) –  
*Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa  
Nacional. 10 vols.

ZBYSZEWSKI, G. (1984) – Palavras do  
Homenageado. In *Volume d'Hommage  
au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris:

Edition Recherche sur les Civilisations.  
p. 48-54.

ZILHÃO, J. (1987) – O Solutrense da  
Estremadura Portuguesa. Uma Proposta de  
Interpretação Paleoantropológica. Lisboa:  
IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 4).

